

## **O sertão do paraíso: trópicos quentes, secos e duros no paraíso tropical**

Luis Fernando Tosta Barbato

---

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo trabalhar como o sertão do Brasil, principalmente o nordestino, foi tratado dentro das publicações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no século XIX. A partir dessas publicações, procuraremos mostrar a ideia da complexidade das representações tropicais, dentro de um projeto nacional no qual cabia à natureza tropical, marcada por sua beleza e generosidade, um lugar central na construção da identidade nacional brasileira. Buscaremos mostrar que tais representações não eram unânimes e que havia uma série de relatos que destoavam desse contexto de uma natureza única e benevolente, atentando para imagens que tendiam mais a mostrar uma realidade dura e seca a que certos brasileiros estavam submetidos do que a confirmar a ideia de um paraíso tropical que unia todos os brasileiros.

**Palavras-chave:** Clima; IHGB; Sertão.

---

### **Abstract**

This article aims to work as the interior of Brazil, especially the Northeast, was treated in the publications of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, in the nineteenth century. From these publications, we aim to show the idea of the complexity of tropical representations within a national project in which it was for the tropical nature, marked by its beauty and bounty, which had clashed examples of this context, paying attention to images that tended more show the reality hard and dry that some Brazilians were submitted, of which confirm the idea of a tropical paradise that united all Brazilians.

**Keywords:** Climate; IHGB; Hinterland.

---

O Brasil do século XIX conheceu um momento de construção e afirmação de sua identidade nacional, e na historiografia dedicada ao tema é quase unânime a ideia de que a natureza tropical foi um dos principais alicerces para a construção de algumas imagens que ganhariam vida longa em nossa própria concepção do país. (PAZ, 1996, p. 236; VENTURA, 1991, p. 246; SÜSSEKIND, 1990, p. 24; BARBATO, 2011, p. 188). Na falta de um elemento histórico – dentro dos cânones de construção identitária nacional vigente na Europa desde finais do século XVIII (SMITH, 2000, p. 187; ANDERSON, 2008, p. 380), baseados na recuperação de um passado glorioso e mítico a insuflar o orgulho nacional, coube à natureza desempenhar esse elemento capaz de conferir unidade, distinção e sentimentos orgulhosos ao brasileiro<sup>1</sup> (DECCA, 2002, p. 96).

Desta maneira, um Brasil paradisíaco, há séculos já cantado pelos estrangeiros que aqui visitavam (SCHWARCZ, 2008), pairava sobre as mentes de nossos intelectuais. Verde, quente e úmido, repleto de vida, generoso com todo e qualquer tipo de vida, resplandecente em seu esplendor. Uma beleza tropical que abarcava todo o Brasil, capaz de unir todos em torno desse ideal de orgulho para a nação<sup>2</sup>.

Mas, em um território de proporções continentais, como é o Brasil, exceções poderiam ocorrer. Temos, por exemplo, o caso do sul do país e das áreas de grandes altitudes, onde predominam climas distintos do restante do Brasil, tropical por excelência, que são propiciadores de belezas naturais

---

<sup>1</sup> Lembremos, como nos diz Eduardo Lourenço, que os elementos de distinção e de pertencimento são fundamentais dentro do processo de construção identitária dos povos: “Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino. Quer dizer, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos de “identidade”. (LOURENÇO, 1999, p. 89).

<sup>2</sup> Segundo Chartier, as representações do mundo social são construídas de maneira que determinadas ligações – essas em relação com os interesses dos grupos responsáveis por tal elaboração - se mantenham. Deste modo, as percepções sociais não se mostram como discursos neutros, mas sim estão ligadas à produção de estratégias e práticas que tendem a impor certa autoridade, ou seja, a legitimar ou justificar projetos, escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17). Nesse caso, dentro de um projeto de construção de uma identidade nacional, que visava atender a demandas da época, são sistematizadas as representações que trazem uma natureza linda e generosa, que contempla a todos os brasileiros, independentemente da região do Brasil em que vivem.

e de uma fartura de bens que em nada perdiam para as produzidas sob os trópicos (BARBATO, 2011, p. 178), podendo bem ser enquadrados no projeto político do Oitocentos, de unir todos os brasileiros em torno das maravilhas da natureza tropical de nosso país.

Agora veremos o caso de certas partes do sertão do que hoje conhecemos como região Nordeste do Brasil, áreas tropicais, belas, mas sujeitas a períodos de secas capazes de quebrar com a ideia de fartura e vida fácil dos trópicos. Fenômenos que transformavam essas regiões em áreas mais similares às que sofriam as dificuldades do inverno europeu – dificuldades essas formadoras de homens fortes e bons, segundo gerações de pensadores – do que às descrições pertencentes ao *lugar-comum*<sup>3</sup> sobre a região dos trópicos, identificada como lugar de prazeres e vida fácil.

As secas já são, há muito, apontadas como um problema que eventualmente pode ocorrer nessa parte do Brasil – e não só nela, como veremos. Cardim nos deixou o primeiro relato sobre esse fenômeno, em que narra os dissabores e as mazelas trazidos pela seca:

No ano de 1583 houve tão grande seca e esterilidade nesta província (cousa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos, quatro ou cinco mil índios. (CARDIM, 1978, p. 199).

No entanto, apesar de esse relato ser o primeiro a trazer a seca de maneira específica, podemos notar que, desde os primórdios da colonização dessa região do Brasil, a seca foi personagem sempre presente e traço marcante na vida dos indígenas e conquistadores. Isso se mostra perceptível

---

<sup>3</sup> Segundo Stella Bresciani, “os lugares-comuns, na acepção de Myriam R. D’Allones, seriam formados por palavras, crenças, opiniões, preconceitos e argumentos sobre uma comunidade política efetiva que, embora frequentemente confusos, erráticos e pouco seguros, deitam raízes profundas na vida e na experiência das pessoas. A noção de lugar-comum, Bresciani adiciona ainda a de fundo comum, com o sentido de repositório de conhecimentos díspares formados por noções, pré-juízos, informações, relatos de ordem diversa, em que se colhe material para avaliar, no caso, países diversos. As concepções mesológicas e raciais constituem um fundo-comum persistente do qual teorias deterministas retiram sua força explicativa”. (BRESCIANI, 2007, p. 427).

através dos relatos de deslocamentos de grandes contingentes de populações autóctones por essas regiões, e também pelas disputas existentes entre esses e os conquistadores por fontes de água e locais úmidos<sup>4</sup>.

Os diversos relatos sobre as secas e seus efeitos sobre as populações humanas são horríveis e vêm corroborar com essa ideia de que, pelo menos essa parte do Brasil, em determinados períodos, poderia estar mais próxima da ideia de um inferno tropical do que de um paraíso tropical, como podemos observar a partir do relato de Rocha Pita:

Abrasava o sol com excessivo ardor toda a nossa América, secando as águas, estragando os frutos, esterilizando as lavouras e matando os gados, de forma que, além da falta de todos os víveres, era maior o da farinha de mandioca, que é o pão comum dos moradores deste estado (...). Os vizinhos das províncias do Ceará e do Rio Grande do Norte se ausentaram das praças, e foram habitar às margens dos rios por não acabarem ao rigor da sede. (VILLA, 2000, p. 19).

Assim, notamos que terríveis eram as consequências para os viventes sob esse outro clima tropical, alheio à benevolência tão cantada por nacionais e estrangeiros que percorreram o Brasil<sup>5</sup>. Na revista do IHGB, publicada por homens interessados em promover a identidade e a união nacionais<sup>6</sup>, o problema das secas não passou despercebido. Tal fenômeno natural foi apontado e levantado em uma série de relatos, produzidos pelos membros

---

<sup>4</sup> Durval Muniz de Albuquerque Júnior, sobre esse aspecto, nos traz um rico quadro, no qual traz detalhadamente informações sobre todas as secas registradas desde o século XVI até o século XIX (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, pp. 16-19).

<sup>5</sup> Para corroborar isso, podemos observar os dados trazidos por Durval Muniz de Albuquerque Jr: “Com a morte de 1/3 da população de Pernambuco, em 1793, o que estimamos em 86.755 mortos, ou mesmo da morte diária de 10 a 20 pessoas só na cidade de Sousa (PB) na seca de 1845, o que daria uma cifra aproximada de 2.400 a 4.800 mortos numa cidade nos oito meses que teria durado o fenômeno”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, p. 24).

<sup>6</sup> Vale aqui ressaltar que os membros do IHGB eram, em geral, homens pertencentes às poderosas oligarquias locais ou, se não pertencentes às camadas mais abastadas do Império, pessoas que possuíam benesses reais. Portanto, por serem, de uma forma ou de outra, ligadas ao Governo Imperial, os membros do IHGB produziam uma história voltada a atender as demandas do governo monárquico, que no caso buscava construir uma história pautada na união nacional, além de trazer elementos que nos mostram os objetivos de um modelo branco e europeu de civilização para o Brasil, oriundos da própria origem de seus membros (GUIMARÃES, 1988, pp. 6-8).

do mesmo Instituto ou selecionados por eles para compor a revista, a partir dos quais é possível identificar impressões que quebravam a ideia de trópicos benevolentes:

No mez de dezembro no Ceará, começam as apprehensões de secca. Em parte alguma do Brasil, essa palavra tem a significação cruel, que os factos lhe têm dado n'esta provincia. Ella é para todos uma preocupação mortificante, uma lembrança contrastadora.

(...) A ultima secca, que flagelou a provincia foi em 1845, milhares de pessoas morreram á fome, e as estradas ficaram alastradas de cadaveres de velhos, crianças, e mulheres, que corriam para o littoral, em busca de socorros. (HOMEM DE MELLO, 1872, p. 86-87).

A partir desse relato, podemos enxergar aquele paraíso que relatamos, quando tratamos do uso dos trópicos como elemento de comunhão e unidade nacionais? As imagens são distintas, são outros trópicos, trópicos alegres e tristes, trópicos reais.

Podemos encontrar, dentro das revistas do IHGB, relatos nos quais as secas dificultam a agricultura em solos já pobres e de difícil cultivo (THEBERGE, 1862, p. 66), que necessitava muito do trabalho, para produzir até mesmo a mandioca (GOUVÊA, 1873, p. 7), raiz já acusada de ser uma das causas dos vícios e indolência dos brasileiros, provocando imagens como as abaixo:

Encontram-se n'este caminho alguns espaços áridos e seccos, especialmente nos sertões de Pernambuco, aonde é tão trivial e sensível a falta de chuvas, que tem por muitas vezes feitos os últimos estragos nos seus próprios habitantes, tirando a vida áquelles que logo immediatamente se não retiram, porque se tardam em o fazer, não vencem mais os caminhos, e ficam pelo meio d'elles mortos e inseultos. (RIBEIRO, 1870, p. 56).

E não era apenas o que hoje corresponde à região Nordeste do Brasil que sofria com problemas similares, Goiás (FONSECA, 1846, p. 376), Pará (CARVALHO, 1874, p. 363), Maranhão (RIBEIRO, 1870, p. 13) – este que, apesar de estar próximo geograficamente das províncias mais sujeitas às secas, não faz parte do que hoje chamamos de polígono das secas – também

aparecem nos relatos publicados nas revistas do IHGB. Eram os trópicos idealizados aparecendo bem reais, frente aos seus visitantes.

Apesar de antigo, o problema das secas, segundo a historiografia sobre o tema, só ganhou repercussão nacional a partir da grande seca de 1877-79, que fez com que o problema do “Norte” chegasse ao “Sul” do Brasil. A partir de então, ambas as regiões passaram a buscar, juntas, soluções para resolver esse grave problema que atingia parte da jovem nação brasileira, como nos mostra Albuquerque Jr. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, pp. 57-62).

Não que antes soluções não foram buscadas, em 1859, por exemplo, o cearense Thomaz Pompeo de Sousa Brasil escreveu a *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará*, alertando sobre a necessidade de se acabar com os “terríveis efeitos da devastação de nossas matas”, defendendo o replantio de mudas e a reconstituição de florestas como meios de se evitar as secas. Tal posição é muito parecida com a defendida pelo IHGB, quase 20 anos antes da grande seca de 1877, que buscava as causas e possíveis soluções para diminuir sua extensão e efeitos:

A devastação das florestas expondo o terreno posto a descoberto á acção directa do sol, foi diminuindo o grau relativo da humidade atmospherica que ellas entretinham; o que produziu á final o deseccamento das fontes que nascendo das montanhas molhavam seus valles. Extensões de terreno outr’ora cobertas de ricos vegetaes acham-se hoje mudadas em áridos desertos sem o menor vestígio de água... Pois bem, esse mal será ou não remediável? (...). São estas outras questões de não menor interesse que devem occupar a atenção da comissão, maxime quando tendem a salvar uma das nossas mais bellas províncias do flagello da secca e da fome; - consequência fatal da primeira! (SAPUCAHY, 1898, p. 91).

Esse trecho trata da instrução que a então Comissão Científica de Exploração<sup>7</sup> recebeu do presidente do IHGB, o senhor Visconde de Sapucaí,

---

<sup>7</sup> Trata-se da primeira expedição científica brasileira, realizada entre os anos de 1859 e 1861. Idealizada pelo IHGB e patrocinada pelo Governo Imperial, tal expedição percorreu regiões do Nordeste brasileiro, principalmente o Ceará. Apesar de mal falada e de reputação duvidosa, a ponto de receber apelidos pejorativos como “Comissão das Borboletas” e “Comissão defloradora”, segundo Lorelai Kury, a expedição conseguiu, de certo modo, pôr em prática os ideais do que seria uma ciência nacional. Cf. (KURY, 2001, pp. 29-31).

a fim de diminuir os problemas das secas que assolavam o Ceará. A Comissão Científica de Exploração deixou relatos e sugestões sobre as secas, que não as negam como fenômeno natural, mas também não as culpam como única responsável pelo estado de miséria e calamidade em que o Ceará e outras províncias do “norte” se encontravam. Mais uma vez, os elementos da indolência e imprevidência dos trópicos, ideologicamente forjados, surgiam como agentes ativos das causas das mazelas brasileiras.

Gabaglia, membro da Comissão Científica de Exploração, acreditava, assim como outros membros da comissão, que os sertanejos cearenses trabalhavam pouco e, como consequência das secas, adquiriram o hábito de esmolar. Segundo o cientista, os efeitos das secas eram provocados pelas:

(...) irregularidades atmosféricas, abandono de preceitos de agricultura, ignorância dos princípios de agricultura, falta de disciplina do povo para o trabalho, e as vantagens prodigamente concedidas pela natureza. (GABAGLIA, 1985, p. 18)<sup>8</sup>.

Voltamos assim à questão do homem tropical, que, mesmo forjado em meio hostil, bem à moda de Hipócrates, na qual homens forjados sob o calor tendiam a uma indolência natural (ARNOLD, 2000, p. 22), não conseguira realmente alcançar um grau avançado de desenvolvimento físico e moral. Mais uma vez a questão racial se confundia com a questão do meio e, nesse caso, a sobrepujava. Forjado em terras benévolas ou hostis, percebemos que, apesar das diversas mostras de euforia para com os mestiços, dentro e fora do IHGB, ainda pairavam ideias de condenação para aqueles vindos de

---

<sup>8</sup> Não era só Gabaglia que imputava ao sertanejo a responsabilidade pela miséria do sertão, outros membros da comissão pensavam o mesmo, como era o caso do Barão de Capanema: “Parece que este estado desolador em aparência se deve atribuir à prodigiosa fertilidade daqueles terrenos: penetrando os agentes atmosféricos por esta terra seca e porosa, contribuem para a decomposição de seus elementos, que servem depois de adubo. Em outros lugares com trabalho se revolve a terra, arando-a profundamente para expô-la à ação do ar; aqui a natureza encarregou-se disso por processo diverso chegando ao mesmo fim. As secas do Norte são úteis debaixo de todos os pontos de vista; não são elas as causas das grandes calamidades, mas a imprevidência da gente, que não sabe tirar proveito da abundante produção de seu solo que as secas perpetuam”. (BRAGA, 1962, p. 294).

cruzamentos de “raças” distintas. Clima e raça condenavam, juntos, o Brasil pela sua gente<sup>9</sup>.

E não era só nas secas que os trópicos mostravam esse seu outro lado, cruel e opressor, contra seus filhos, os relatos de calores extenuantes, de norte a sul do país, são diversos e ajudam a minar essa ideia de “paraíso tropical”, como nos mostra o trecho do inglês Morrel:

A Bahia do Rio de Janeiro é talvez a mais bella do mundo, assim como é a mais vasta e segura; e se não fosse o calor da atmosphaera, que ahi é incommodo, o paiz circundante seria um verdadeiro paraíso. (SOUZA, 1880, p. 290).

Mudanças bruscas de temperatura que alternavam calor e frio extremos (PITANGA, 1864, p. 191-192; OLIVEIRA, 1866, p.352-353), tormentas e ventos furiosos (RIBEIRO, 1874, p. 49). Entre todos esses infortúnios, os mosquitos e animais peçonhentos são um caso à parte, serpentes (RIBEIRO, 1874, p. 70; MASCARENHAS, p. 498) que matavam o gado e mesmo o homem empestava o Brasil. Afinal, em qual paraíso o homem sofreria tais tormentos como esse?

Não havia remedio senão dormir em rêde e dentro do mosquiteiro, sob o qual sentíamos dobradamente o calor d’aquelle clima abrasado. (...). Impossível me fora exprimir o sofrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. É praga capaz de trazer o abandono a uma região inteira por quem não tenha a constância do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em redor parecia escuro (FLORENCE, 1875, pp. 427-435).

Não queremos dizer que essas áreas, principalmente às referentes ao atual sertão nordestino, negam por completo as referências a um Brasil *bonito por natureza*; são trópicos bonitos, mas sujeitos a eventos que o metamorfoseiam de paraíso em inferno em questão de momentos. Mesmo as áreas sujeitas a essas secas que relatamos não estavam de fora do projeto

---

<sup>9</sup> Podemos encontrar essas questões sobre a inércia dos homens do “Norte”, mestiços por excelência, por exemplo, nas obras de Nina Rodrigues (RODRIGUES, 1982), ou ainda em Oliveira Vianna (VIANNA, 1952).



de integrar o Brasil em torno de uma natureza tropical bela. O trecho seguinte nos mostra que mesmo os “sertões dilatados” podem ser “excelentes”:

Em todas as terras sujeitas ao domínio de Portugal se reputa pela mais excelente Pernambuco. (...). Compreende dilatados sertões, em que se recolhe numeroso povo de gente, numerável criação de gado, que os fazem parecer um nono mundo. O Clima é o mais salutar. (NETTO, 1894, p. 5).

Como nos diz Andrade, esse contraste entre o seco e o úmido, entre o clima ardente e o temperado de altitude, entre a vegetação densa e a escassa, entre os rios perenes e os intermitentes, todos esses contrastes ajudam a formar essa região que hoje chamamos de Nordeste (ANDRADE, 1981, p. 231)<sup>10</sup>, tropical e linda, como as outras do país, mas sujeita a ações que trazem a desgraça e a morte, onde aspectos duros da vida sob os trópicos saltam aos olhos de forma muito mais nítida que em outras regiões do Brasil.

Os trópicos reais, palpáveis, pelo que observamos, eram o paraíso dos viajantes franceses que aqui aportaram no século XVI, como também eram o antiparaíso dos missionários jesuítas, horrorizados com o canibalismo e a idolatria das gentes que aqui encontraram. Era o trópico inebriante e dos prazeres, que formava os homens fracos de Montesquieu, e era o trópico rude, duro, que formava o sertanejo forte de Euclides da Cunha.

Os trópicos eram ambivalentes, nem bons, nem maus, eram uma mistura do mais baixo com o mais elevado, do céu com o inferno. Enfim, a vida sob o seu sol era uma vida real, com alegrias e problemas, que fugiam a qualquer idealização, fosse ela positiva ou negativa.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

---

<sup>10</sup> ANDRADE, F. Alves. “O secular problema das secas do Nordeste Brasileiro”. In. ROSADO, Vingt-Un. Memorial da Seca. Coleção Mossoroense – Volume CLXIII, 1981. p. 231.

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877 – 1922)*. Campinas, SP: [s.n.], 1988.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- ANDRADE, F. Alves. “O secular problema das secas do Nordeste Brasileiro”. In: ROSADO, Vingt-Un. *Memorial da Seca*. Coleção Mossoroense – Volume CLXIII, 1981.
- ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Campinas, SP: [s.n.], 2011.
- BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da Terra e gente do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional-MEC, 1978.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- DECCA, Edgar Salvadori de. “Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional”. In: Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, n. 24, 2002.
- GABAGLIA, Giácomo R. A. A questão das secas na província do Ceará. In: ROSADO, Vingt-Un (org). *Livro das Secas*. Brasília: ESAM/CNPq, 1985.

- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *In: Estudos históricos*, n. 1, 1988.
- KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla. *In: HEZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Acces, 2001.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional; Brasília: Editora da UNB, 1982.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- SMITH, Anthony D. O nacionalismo e os historiadores. *In: BALAKRISHNAN, Gopal. Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrado, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.

### **Artigos do IHGB**

- CARVALHO, José Simões. Notícia sobre a Ilha de Joannes. *In: Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico*

*Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874 (1849).

FLORENCE, Hercules. Esboço da viagem feita pelo Sr. De Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVIII. Rio de Janeiro: B. L. Garnier-Livreiro-editor, 1875.

FONSECA, José Pinto da. Cópia da carta que o Alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao Exmo. General de Goyazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de Índios, dirigida do sitio onde portou. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.

GOUVÊA, Pedro Christovão de. Summario das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do Rio Parahyba. *Revista do Instituto Historico, Geographico e EthnographicodoBrasil*. Tomo XXXVI. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro-editor, 1873.

HOMEM DE MELLO, Francisco Ignácio Marcondes. Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXV. Rio de Janeiro: B. L. Garnier-Livreiro-editor, 1872.

MASCARENHAS, Joseph Freyre de Monterroyo. O Orizes Conquistadores ou noticia da conversão dos indômitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do sertão do Brazil, novamente reduzidos á Santa fé catholica, e á obediência da coroa portuguesa, com a qual se descreve tambem a aspereza do sitio de sua habitação, a cegueira da sua idolatria e barbaridade dos seus ritos. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.

NETTO, Felipe Lopes. Gerra Civil ou Sedições de Pernambuco. In: *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVI. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894 (1853).

OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Velloso de. A Igreja no Brasil ou informação

- para servir de base á divisão dos bispados, projectada no anno de 1819, com a estatística da população do Brasil, considerada em todas as suas diferentes classes, na conformidade dos mappas das respectivas províncias, e numero de habitantes. *In: Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXIX. Rio de Janeiro: B. L. Garnier-Livreiro-editor, 1866.
- PITANGA, Epiphany Candido de Sousa. Diário da viagem do Porto do Jatayh á Villa de Miranda, compreendendo os Rios Tibagy, Parapanema, Paraná, Samambaia, Ivinhema e Brilhante, o Varadouro de Neox, e os Rios Neox e Miranda. *In: Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXVII. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1864.
- RIBEIRO, Francisco de Paula. Descrição do territorio de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão; propriedades dos seus terrenos, suas produções, caracter dos seus habitantes colonos, e estado actual dos seus estabelecimentos. *In: Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874.
- RIBEIRO, Francisco de Paula. Roteiro da Viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da capitania do Maranhão e de Goyaz no anno de 1815 em serviço de S. M. Fidelissima. *In: Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, 1870 (1848).
- RIBEIRO, Francisco de Paula. Roteiro da Viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da capitania do Maranhão e de Goyaz no anno de 1815 em serviço de S. M. Fidelissima. *In: Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, 1870 (1848).

- SAPUCAHY, Visconde de. 17<sup>a</sup> Sessão em 28 de novembro de 1856. *In: Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*. Tomo XIX. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898 (1856).
- SOUZA, Augusto Fausto de. A Bahia do Rio de Janeiro: sua historia e descripção de suas riquezas. *In: Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLIII. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1880.
- THEBERGE, Dr. Extractos dos assentos do antigo senado de Iço, desde 1738 ate 1835. Do itinerario do presidente José Mariano em 1832. Breve noticia sobre a capitulação do juiz. Dita sobre a marcha de Tristão em 1824. Ditas sobre as antiguidades do Cariri. *In: Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862.